



**GAZETA LITERÁRIA ou Notícia Exacta dos Principaes Escriptos Modernos, conforme a Analysis, que deles fazem os melhores Críticos, e Diaristas da Europa** (Porto e Lisboa, 1761-1762) – Foi o primeiro periódico “que verdadeiramente iniciou o jornalismo literário em Portugal. Antes dele, como periódicos literários, só *O Anónimo* (Lisboa, 1752-1754) e *O Oculto Instruído que para lícito divertimento, e honesta recreação se há de publicar dividido em diferentes partes* (Lisboa, 1756-1757)”<sup>1</sup> – estes consideravam-se recreativos e frívolos.

Esta gazeta começou por ser impressa no **Porto**, na *Officina* de Francisco Mendes Lima, em Julho de 1761, mas em Outubro do mesmo ano (número 14), muda-se para **Lisboa** e apresenta nova capa: Parte II do Volume I.

Esta publicação, não ilustrada, morreu em Junho de 1762, provavelmente devido à **repressão pombalina** (1750-1777, reinado de D. José), por fazer veladas alusões desfavoráveis à política deste ministro real. Foram na mesma altura suspensas quase todas as publicações enciclopédicas e periódicas, mesmo a “oficial” *Gazeta de Lisboa* (1715-1833). Mais, não foi fundada nenhuma publicação periódica nova até à morte do rei D. José, em 1777, o que é um **paradoxo**, pois este rei e o Marquês de Pombal (1699-1782) – um estrangeirado –, foram ambos considerados iluministas, sendo o século XVIII conhecido como o «**século das luzes**».

**Francisco Bernardo de Lima** (1727-1764/1770<sup>2</sup>) foi o fundador, redactor e produtor desta gazeta; “De que he *Protector* o Excellentissimo Senhor, **JOAM DE ALMADA E MELLO**” [1703-1786]<sup>3</sup>, cujo nome se lê no «rosto» (quer na

---

<sup>1</sup> Ver José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª ed. 1989, Lisboa, Portugalíia Editora, p. 46 (citação de Silva Pereira, *Dicionário Jornalístico Português*, destaque nosso).

<sup>2</sup> O **Padre Francisco Bernardo Lima**, Cónego secular, dos Cónegos de S. João Evangelista, S. Clemente e Santo Elói, nasceu no Porto em 1727 e morreu em 1764, conforme a *Biblioteca Cirúrgica* de Manuel de Sá Matos – biografia na p. 145, em que “elogiou F. Bernardo de Lima, pelo **estímulo que a sua crítica dava aos cirurgiões portugueses e porque a todos eles permitia a consulta da excelente biblioteca que possuía**” – ou em 1770, segundo a *Descrição do Porto* (1788/1789) de Agostinho Rebello da Costa [*Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*, cuja 2ª edição de 1945 faz parte do espólio da B. M. São Lázaro, ver catálogo em: <http://catalogolx.cm-lisboa.pt>]; ver também: Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, Tomo Segundo, pp. 352-353.

<sup>3</sup> “**Joam de Almada e Mello** (1703-1786), Governador General da Cidade do Porto, do seu Partido, e de toda a marinha da Beira Baixa, brigadeiro dos Exércitos de Sua majestade Fidelíssima” – estes títulos aparecem inscritos nas capas desta gazeta. Também “promoveu a construção do Teatro Lírico do Corpo da Guarda que foi inaugurado com a representação da **ópera II Transcurato**, atribuída a Pergholesi, e que só alguns anos mais tarde foi representada em Lisboa. **Na Gazeta** [em Maio de 1762] **o autor dá a notícia do acontecimento, estreado-se como nosso crítico teatral**” – Ver Ribeiro dos Santos, *História*

capa do Porto, quer na de Lisboa), com destaque gráfico semelhante ao título por que é mais conhecida: *GAZETA LITERÁRIA*.

Abrimos aqui um espaço para, como curiosidade, referirmos que o termo **gazeta**, «publicação periódica de interesse geral», é de origem italiana, e que correspondia ao preço exacto de uma *gazzetta*, moeda veneziana do século XVI, informação que se pode ler em qualquer boa enciclopédia.

Historicamente, a nível jornalístico, o periódico surgia, geralmente, nos séculos XVII e XVIII, por “**privilégio real** concedido a determinado indivíduo ou por iniciativa de um particular, quase sempre proprietário de uma tipografia.” Então, “os jornais eram concebidos no formato e apresentação gráfica dos livros ou como fascículos destes.”<sup>4</sup>

O protector escolhido para o lançamento (e continuidade) desta nova publicação, João de Almada e Mello, é objecto de uma «**dedicatória**» de quatro páginas não numeradas, impressa a seguir à página de rosto que, como epístola, lhe é dirigida, terminando com um humilde Bernardo Lima a subscrever-se: “De V. Excellencia, o mais obsequioso e reverente Criado”. Esta dedicatória começa assim: “Há uma Obra, que se dirige a correr pelas diversas regioens do Orbe literário, felizmente alcançará este fim, levando na frente o egrégio nome de V. Excellencia, que servindo-lhe de lustre a fará para com todos mais recomendável. A Nobreza da elevada ascendencia de V. Excellencia, o luzimento dos seus brilhantes títulos, a gloriosa eleição, que dos seus talentos fez um Rey illuminado para o exito de emprezas criticas, e difíceis, condecóraõ, e não menos honraõ esta Obra, conseguindo ella aos olhos populares huma **protecção famosa, e segura.**” Este tipo de protecção granjeava prestígio e assinantes, o que garantia a continuação da impressão, uma vez que esta gazeta não incluía anúncios publicitários.

No Discurso Preliminar, ou editorial, que antecede o número um, pode-se ler que, «**para concordar com o título** da obra de *Gazeta literária*, se dividirá por **números hebdomadários**».<sup>5</sup> Mais, “a revista foi editada em formato **in-quarto** com **aspecto gráfico inovador**”<sup>6</sup>, aos olhos do século XVIII.

Ao ritmo de 4 números por mês (com excepção do mês de Agosto de 1761, em que saíram 5 números), com a numeração das páginas contínua, salienta-se a particularidade de, em nenhum número desta gazeta, ser referido o dia da impressão semanal (periodicidade mensal, em 1762).

O seu plano gráfico e a sua apresentação “constituem um produto melhorado em relação aos seus predecessores, seguindo o natural refinamento da técnica: melhor correcção de provas, caracteres mais nítidos, formatos mais

---

*Literária do Porto: através das suas publicações periódicas*, Porto, Edições Afrontamento, 2009, pp. 27-28.

<sup>4</sup> Ver José Tengarrinha, *op. cit.*, p. 150 [destaques nossos].

<sup>5</sup> Ver “Discurso Preliminar”, nesta *Gazeta*, [p. 6].

<sup>6</sup> Ver Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p. 30.

cómodos; entre o formato minúsculo dos libelos e o *in-folio* que não se consegue manusear o *in-octavo* e *in-quarto* são o autentico livro moderno”.<sup>7</sup>

A sua dimensão física de 21 x 17 cm, e o facto do texto não se apresentar em colunas, levanta a **questão da definição deste periódico**, pois tanto é chamado de **jornal** como de **revista**, como se pode observar, entre muitas outras, nas duas citações seguintes: “**O jornal** mais importante (ou o único verdadeiramente importante) desse período [Época pombalina, 1750 a 1777] foi a *Gazeta Literária* (Julho de 1761 a Junho de 1762), redigida por **Francisco Bernardo de Lima, considerado o primeiro folhetinista e o primeiro crítico teatral português**”<sup>8</sup>; “Francisco Bernardo Lima, fundador da **primeira revista literária portuguesa** (...) Mais culto que erudito, a sua formação ideológica revela-se nitidamente integrada na revolução cultural do Iluminismo.” E acrescenta “que a *Gazeta Literária* foi o “primeiro periódico português dedicado à cultura. Não só tem interesse por ser de **género inédito**, como também foi a de maior valor que se publicou nesse Século das Luzes.”<sup>9</sup>

O cariz iluminista desta gazeta ficou implícito no seu Discurso Preliminar, ao dar a **conhecer a Portugal** os melhores livros, ou ao menos “as composições modernas de maior fama; e que importa, que devamos este beneficio a hum alemam, a hum Francez, a hum Holandez, a hum Inglez, ou a hum italiano? Hum Estrangeiro, que nos he útil, deve ser nosso compatriota, assim como o he de todo o mundo o homem sábio.”<sup>10</sup>

O Padre Francisco Bernardo de Lima (com apenas 34 anos de idade) é, sem dúvida, “a **mais representativa figura das «luzes»** na nossa imprensa periódica. A sua *Gazeta Literária* mantém o público culto português ao corrente das principais **obras sobre literatura, artes e ciência publicadas** então na Europa, de que faz **críticas inteligentes e bem informadas**.”<sup>11</sup>

O **preço** de venda de cada número desta gazeta de 16 páginas (com excepção do primeiro número, que soma 18 páginas), terminando todos com a palavra «FIM», é desconhecido. Sabe-se que as anteriores “gazetas da Restauração [por exemplo, a *Gazeta, em que se Relatam as Novas todas que Houve nesta Corte e que vieram de Várias Partes do Mês de Novembro de 1641* (Évora, 1641-1647); *Mercúrio Português* (Porto, 1663-1667)] tinham circulação muito restrita, não só devido ao seu elevado preço (6 réis em média – o que para a época era considerável –, variando o custo segundo o número de páginas), como ao baixíssimo nível de instrução.”<sup>12</sup>

Em 1859, 97 anos volvidos sobre o fim desta publicação, Inocêncio da Silva diz: “O exemplar que possuo d’estas *Gazetas* custou-me 600 réis”, comprado, provavelmente, num livreiro. Já nesta altura era uma colecção valorizada,

---

<sup>7</sup> Ver Joaquim Fernandes, “Gazeta Literária (1761-1752) – reflexos e sombras de um jornal das «Luzes»”, In *Revista da Faculdade de Letras: História*, Porto, Vol X, 1993, p.209.

<sup>8</sup> Ver *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, 1985, Porto: Figueirinhas, Vol. 3, p. 248 (destaque nosso).

<sup>9</sup> Ver Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p. 26 (destaques nossos).

<sup>10</sup> Ver “Discurso Preliminar”, nesta *Gazeta*, [p.4].

<sup>11</sup> Ver José Tengarrinha, *op. cit.*, p.42 (destaque nosso).

<sup>12</sup> Ver José Tengarrinha, *op. cit.*, p.39.

certamente por incluir, continua Inocêncio da Silva, “**muitos juízos críticos e bem ajustados de várias obras portuguesas saídas por aquelle tempo**”<sup>13</sup>, o que faz dela uma obra periódica de referência para o estudo da imprensa setecentista.

Situando-nos no século XVIII, a gazeta tinha várias formas de venda: para além dos “**cegos papelistas**”<sup>14</sup>, que a apregoavam nas ruas, e do impressor, que as enviava por «posta restante» para os assinantes, havia 3 locais de venda, no Porto, Lisboa e Coimbra, “propagandeados”, em «corpo» de letra pequena, no espaço final da página de rosto: “Vende-se no Porto em Casa do Capitão Manoel Pedroso Coimbra na rua dos Mercadores: Em Lisboa em Casa de Cláudio du Beux às portas de Santa Catarina: Em Coimbra em Casa de Joam Jozé du Beux no Largo de S. João do Bispo.” Na capa de Lisboa, apenas se altera uma das moradas de venda, talvez por mudança de residência de Cláudio du Beux, para “junto à Cruz de pau defronte do Palácio do Principal Leitaõ.”<sup>15</sup>

Considerado uma «personalidade representativa da época em que viveu», F. Bernardo Lima fez questão de o insinuar, no início do seu “Discurso Preliminar” de 7 páginas não numeradas, logo a seguir à «dedicatória»: “**O Gosto das artes, e sciencias, que neste século** se tem felizmente propagado por todas as nações civilizadas, produz tal variedade de novas idéas, e de composições igualmente sólidas, e frívolas”. Mais, como religioso – Cónego secular – F. Bernardo Lima tinha consciência da necessidade de colaborar com o Poder e com a Igreja do Vaticano; escreve, por isso: “Aquela **racional tolerância dos Soberanos, e Governos sábios** a respeito de todo o género de **produções literárias, que não tendem a destruir os dogmas, e máximas estabelecidas da Religião, e do Estado**, sendo causa de se universalizarem as letras, e de se multiplicarem os escriptos, he filha da mais sabia politica pelos benéficos effeitos, que dela resultaõ para o bem geral da humanidade.”<sup>16</sup>

Além de apresentar os **títulos originaes das obras em latim e noutras línguas**, o autor da gazeta secundou-as com a respectiva **tradução** em português, e utilizou muitas citações latinas, ao gosto da época, nas suas críticas e resumos literários. Também classificou os novos descobrimentos e as novas ideias, exibindo a sua cultura clássica, não escondendo a sua preferência, ao referir: “aparecem novos descobrimentos nas sciencias, e artes de pura utilidade; e **nas de gosto pretende-se emular as inimitáveis belezas da antiga Grécia e Roma.**”<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, Tomo Segundo, p.353 (destaque nosso).

<sup>14</sup> “Irmandade de cegos de S. Jorge, com origem em 1604, provisão régia de 4 de Março de 1751 confirmando o privilégio de só eles poderem apregoar e vender pelas ruas livrinhos, folhinhas, gazetas, relações suplementos e outros papéis avulsos impressos. Atravessam a vida lisboeta seiscentista e setecentista, [até] 1863, tendo falecido o último representante da classe.” Cf. José Tengarrinha, op. cit., p.43.

<sup>15</sup> Cf. *Gazeta Literária*, Lisboa, 1761, [p. 211].

<sup>16</sup> *Ibidem*, “Discurso Preliminar”, [p. 1] (destaques nossos).

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. [2] (destaques nossos).

Os «artigos» da gazeta, talvez pretendendo ser uma responsabilidade partilhada, aparecem escritos na primeira pessoa do plural – nós –, “**não nos fiamos só na fama**, e crédito estabelecido”, e continua “**conferimos muitas vezes os extractos com os originaes**”. Sugere ainda um método imparcial: “parece-nos que depois de combinar as **diversas opinioens dos críticos devemos escolher as melhores**, ou ao menos as que nos parecem taes, preferindo muitas vezes o bem, que disser hum Inglez de huma obra Franceza, ou um Francez de huma obra Inglesa; pois nam é verosímil, que em cada hum destes reine a parcialidade tão fortemente, como em hum nacional.”<sup>18</sup>

A justificação do título completo: **LITERÁRIA ou Noticia Exacta dos Principais Escritos Modernos...Obra periódica...**, aparece na seguinte passagem: “O melhor meio de dar a conhecer hum livro he fazer delle huma Analysis, em que se siga sempre a mente do Author, expondo as principaes razoens, em que se funda, e as idêas fundamentaes da obra [...], em fim reduzindo a substancia de um extenso original a hum breve extracto, cuja arte consistirá em conservar a graça, e rasgos da obra extrahida [...], assim como em huma pequena estampa a copia de huma grande pintura.”<sup>19</sup>

F. Bernardo Lima, como redactor da *Gazeta*, apresenta o programa jornalístico e a ordem de publicação dos países, revelando-se também como crítico literário, ao expor as suas preferências: “**as duas primeiras principiãrão com França, ou Inglaterra**, e as seguintes com o resto da Europa. **Preferimos estas duas** a todas as mais nações, porque à primeira se deve a generalidade, e extensaõ da literatura pelas excellentes obras originaes, que tem servido de modello aos bons Escriitores, que querem exceder no gosto, na boa disposição, methodo, e ordem das matérias em todos os assumptos e assim uteis, como agradáveis; e à segunda se deve huma infinidade de conhecimentos nas sciencias sólidas, e ainda nas mais abstractas, e huma feliz ousadia, e elevaçãõ de pensamentos na maior parte das belas artes.”<sup>20</sup> E termina o seu editorial com uma critica severa ao comércio livreiro em Portugal, escrevendo que “a huma Gazeta literária só compete o dar hum conhecimento succinto, e geral do estado actual das sciencias, e belas artes, fazendo conhecer algumas obras, que modernamente se publicãõ, e tem maior nome na Europa, as quaes podem **formar huma Biblioteca escolhida livre daquella farragem, de que se compõem algumas famosas livrarias de Portugal.**”<sup>21</sup>

“**Com todas as licenças necessárias**”, frase escrita em minúsculas e em corpo de letra pequeno, foi impressa nas capas desta gazeta. Também se podem ler os textos das três licenças necessárias e obrigatórias para que qualquer publicação pudesse ser impressa em Portugal – **do Santo Ofício, o Ordinário, e do Paço** –, as quais tiveram de ser pedidas por 2 vezes, para os dois locais de impressão: Porto (Maio e Junho de 1761), e Lisboa [continuaçãõ da impressãõ] (Outubro do mesmo ano); encontram-se impressas e

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. [4].

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. [5] (destaques nossos).

<sup>20</sup> *Ibidem*, pp. [6-7] (destaques nossos).

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. [7] (destaques nossos).

respectivamente assinadas, em duas páginas não numeradas, logo a seguir à «dedicatória» na primeira capa e, também, na segunda capa.

A censura então vigente ordenava: “Por se evitarem os inconvenientes que se podem seguir de se imprimirem em nossos Reinos e Senhorios ou de se mandarem imprimir fora deles Livros ou obras feitas per nossos Vassalos, sem primeiro serem vistas e examinadas, mandamos que nenhum morador nestes Reinos imprima, nem mande imprimir neles nem fora deles obra alguma, de qualquer matéria que seja, sem primeiro ser vista e examinada pelos **Desembargadores do Paço**, depois de ser vista e aprovada pelos oficiais [Qualificadores, da Ordem de São Domingos] do **Santo Ofício** da Inquisição.”<sup>22</sup> Estas duas entidades foram acrescentadas a uma terceira já existente, a **Licença do Ordinário**, passando a funcionar uma **censura tripartida**. A Licença do Ordinário tinha sido instituída por Carta Régia de Filipe III de Portugal, datada de 26 de Janeiro de 1627, que institua o seguinte: “De alguns anos a esta parte se tem introduzido nesta cidade escrever e imprimir relações de «novas gerais»; e porque em algumas se fala com pouca certeza e menos consideração, de que resultam graves inconvenientes, ordenareis que se não possam imprimir sem as Licenças Ordinárias e que antes de as dar se revejam e examinem com especial cuidado.”<sup>23</sup>

No Porto setecentista, época de grande progresso económico, não havia Ensino Superior, este estava concentrado na Universidade de Coimbra desde 1537 [os Estudos Gerais fundados pelo rei D. Dinis na Lisboa de 1290, tinham transitado em 1537 para Coimbra]; a partir de 1557, também é criado em Évora um Centro Humanístico de Formação Teológica. Assim, constatava-se que “grande número de mercadores, artífices e proprietários **exigia a alfabetização**. Esta era realizada por professores do ensino particular ou em instituições religiosas.”<sup>24</sup> A opinião de que a *Gazeta Literária* tivesse a intenção de “agitar a mentalidade dos habitantes da «cidade do trabalho», levando-os a tomar uma consciência cultural que os integrava na renovação de ideais que constituía o «Século das Luzes»”<sup>25</sup> não é aceitável, pois não nos podemos esquecer que F. Bernardo Lima era um religioso, e vivia numa época de apertada censura à Imprensa.

Os **colaboradores** da gazeta são apenas os autores de cartas dirigidas à *Gazeta Literária*, como a *Carta de Thomaz Delany, Professor Régio da Língua Grega, ao Autor da Gazeta Literaria, sobre a simplicidade do estilo*.<sup>26</sup> Esta carta, publicada na íntegra e sem resposta, inicia o número 14 dedicado a PORTUGAL e começa por elogiar F. Bernardo Lima; com alguma ironia, mas certamente com espírito crítico, lê-se: “Eu sinceramente me felicito a mim mesmo, e a este Reyno aonde pela incomparável bondade de sua Magestade, acho huma nobre subsistência sem que para ganhála na própria Pátria me seja

---

<sup>22</sup> Ver José Tengarrinha, *op. cit.*, p. 30; Ref. às **Ordenações do Reino**, livro 5º, título 102 (Torre do Tombo).

<sup>23</sup> Ver Jorge Pedro Sousa, *Relembrando o Contexto histórico: Portugal: 1644-1974*, [PDF, pp. 4-5], em: <http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/contexto>.

<sup>24</sup> Ver Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p.20 (destaque nosso).

<sup>25</sup> *Op. cit.*, p. 19.

<sup>26</sup> Ver *Gazeta Literária*, Lisboa, Num. 14, Num. 15, do Volume I, Outubro de 1761, p. 218-229.

preciso offender a consciência em cumprir com humas Leys demaziadamente rigorosas, por não dizer peor, para ser compatíveis com a minha Religião. Seria eu o mais indigno dos homens se não recebesse o maior gosto em ver, que Portugal entra agora de novo naquella illustre carreira, em que dos tempos mais remotos se tem mostrado digníssimo competidor de todo o género de gloria.”<sup>27</sup>

As obras escolhidas e incluídas na gazeta são quase todas criticadas por F. Bernardo Lima e, como versam vários temas, abrangem todo o conhecimento humano. Os assuntos referidos, só em 1761, além da Literatura, da Educação e das línguas, foram: Direito, Teologia, Medicina, Geografia, Agricultura, Astronomia, História, Filosofia, Teoria Militar e até menciona experiências laboratoriais e zoológicas.

O primeiro número, dedicado a periódicos sobre FRANÇA, começa com o título original e o traduzido da obra: *Da origem das Leis, das Sciências, e das Artes, e dos seus progressos nos antigos povos*; três volumes em 4. Pariz na Officina de Saint, e Saillant, Mercadores de livros na rua de S. João de Beauvais. Esta obra não foi escolhida ao acaso para o início desta gazeta setecentista e, por causa da apertada censura vigente, F. Bernardo Lima inicia assim o seu resumo: “**Quando Deos creou o homem**, gravou no seu coração aqueles princípios indeléveis de justiça, e equidade, que nos fazem honrar a Divindade, respeitar a nossos pais, querer a nossos filhos, **amar os nossos semelhantes, e sobretudo não fazer aos outros, o que não queremos, que se nos faça**. Estas foraõ as primeiras leis, por que se governáraõ os homens [...]”. Estas palavras revelam, textualmente, a sua postura humanista. E F. Bernardo Lima termina este resumo com uma crítica literária: “O seu estilo [de M. Goguet, autor e Conselheiro no Parlamento de Paris] he simples, e sem affectação proporcionando ao merecimento das cousas, de que trata. Soube duvidar, quando era necessário [...] Tinha hum grande zelo da Religião, da qual falla no seu livro com um respeito admirável sem se esquecer, que he Magistrado, e Magistrado Christão. [...] e gosto de contribuir para o bem de toda a sociedade.”<sup>28</sup> Aqui, parece que F. Bernardo Lima era mais apologista da «Reforma Geral» do Ensino, instituída pelo Marquês de Pombal depois da expulsão da Ordem dos Jesuítas (1759); ou será que receava ser perseguido judicialmente como o director da *Gazeta de Lisboa*, entre 1760 e 1762, Pedro A. Correia Garção (1724-1772)?

No segundo número temos oito «composições», como também lhes chama F. Bernardo Lima, sobre Inglaterra, começando com *Transacções Filosóficas da Sociedade real de Londres, em que se dá noticia dos presentes estudos, e trabalhos literários em muitas partes do mundo. Vol. 5. Part. I para o anno de 1759*, Londres: Davis e Reymers.<sup>29</sup> Talvez por admirar muito esta sociedade académica inglesa, F. Bernardo Lima, em vez de fazer um resumo a apresentar a obra, optou por escrever o **historial da Sociedade Real de Londres**, elogiando os seus estudos em todas as áreas do saber, referindo, por exemplo,

---

<sup>27</sup> Cf. *Gazeta Literária*, Lisboa, Num. 14, do Volume I, Outubro de 1761, p. 219.

<sup>28</sup> *Op. cit.*, Porto, Num. 1, do Volume I, Julho de 1761, p. 9

<sup>29</sup> *Op. cit.*, Porto, Num. 2, do Volume I, Julho de 1761, [p. 19].

a aplicação do “methodo do Dr. Lineu”.<sup>30</sup> Termina este número com o *Ensayo sobre a Poesia Dramática em geral, e sobre os caracteres dos principaes Authores, e actores destas três naçoens. Obra absolutamente necessária aos curiosos das representações theatraes*, Londres, Pottinger, 1760. O resumo da obra começa por dizer que “a Poesia Dramática não parece ser hoje bem entendida conforme a opinião deste Author.”<sup>31</sup> Quase no fim deste número, F. Bernardo Lima pergunta: Qual será o insensível, nam sinta e ao mesmo tempo nam admire o sublime de **Corneille**, o terno e pathetico de **Racine**, o terrível de **Crebillon** &c. &c. que nam só inspiram o terror e a piedade, que sam os fins da Tragedia, mas ao mesmo tempo aquela elevaçam e nobreza de sentimentos, de que os Espectadores se acham apoderados representando-se qualquer Tragedia destes grandes Poetas?” E continua a mostrar a sua cultura teatral escrevendo que “**Muratori**, que como o commum dos Italianos conhecia pouco o Theatro Francez, serviu-se das criticas, que em França se tinha feito contra **Moliere**” e termina este número com esta feroz assertividade: “A paixam e preocupaçam de alguns Inglezes e Italianos nam impede o conhecer-se a superioridade dos Poetas Francezes sobre esta matéria, de que falaremos em outra parte.”<sup>32</sup> Assim nasceu o primeiro crítico de Teatro em Portugal.

Apesar de admirar Luís António **Verney** (Lisboa, 1713 - Roma, 1792), Bernardo Lima também o criticou veementemente no número 9, dedicado inteiramente a periódicos sobre PORTUGAL, no qual inclui 3 obras, começando pelo título: *Obras de Luiz de Camões. Nova edição à custa de Pedro Gendron*. Paris, e vende-se em Lisboa em casa de Bonnardel e Dubeux, 1759, Na Officina de Didot. Três tomos em 12. Diz F. Bernardo Lima: “Dos críticos alguns só mostraõ, e aumentaõ os defeitos deste Poeta [Camões], e ocultaõ as suas verdadeiras belezas, quando a constante porfia de toda a nação Portugueza en venerar, e mesmo em idolatrar Camões, há perto de 200 annos, bastava para os fazer mais moderados nas suas censuras. Destes Críticos o mais formidável he o erudito autor do Verdadeiro Método de estudar [...]” que diz que “em Camões tudo he erro, indiscrição, escuridade, &c” e que aponta os “**defeitos dos Lusíadas**, que de nenhuma sorte contaminaõ o merecimento intrínseco desta célebre Epopeia”, além de que “Camões errara no titulo da obra, por que em vez de o tomar de Vasco da Gama, o toma de todos os Portuguezes.” Esta opinião de Verney teve a concordância de Bernardo Lima: “Confessamos, que isto he uma incoherencia”, o mesmo acontece com “o peor he tomar Camões este titulo [Lusíadas] no plural, do que não tem exemplo na boa antiguidade”. Mesmo concordando com Verney na teoria poética clássica, Bernardo Lima dizia: “He justo e a razão o manda, que nas Artes imitativas, e particularmente na poesia não nos apartemos das veredas [...] porque estes [os Antigos] foraõ, os que melhor imitáraõ a bella natureza” mas acrescenta que “nos títulos externos della [Poesia] cada hum póde apartar-se livremente dos Antigos, sem que reputemos este desvio por erro”.<sup>33</sup> Nesta passagem, o também *connaisseur* do **Arcadismo**<sup>34</sup>, F. Bernardo Lima, fez uma critica literária

<sup>30</sup> *Op. cit.*, Porto, Num. 2, do Volume I, Julho de 1761, p. 24.

<sup>31</sup> *Op. cit.*, Num. 2, do Volume I, Agosto de 1761, p. 28.

<sup>32</sup> *Op. cit.*, Num. 2, do Volume I, Agosto de 1761, p. 34.

<sup>33</sup> *Op. cit.*, Num. 9, do Volume I, Agosto de 1761, p. 133.

<sup>34</sup> **Arcadismo** - escola literária surgida na Europa no século XVIII, razão por que também é denominada como **setecentismo** ou **neoclassicismo**. Referência à Arcádia, região campestre



fundamentada, terminando a sua recensão a esta obra com as seguintes palavras de incontornável crítica pessoal **contra Verney**: “com tanta eloquência pretendeu reformar os abusos da nossa [portuguesa] literatura, não disfarçasse os erros do nosso primeiro Poeta [Camões], e afectasse **não conhecer as suas incomparáveis belezas**”.<sup>35</sup>

Foram escolhidas duas outras obras portuguesas que se podem ler no número 13, o último impresso no Porto, sendo uma: *Apontamentos para a educação de hum menino nobre, que para seu uso particular fazia Martinho de Mendonça de Pina, e de Proença*. Porto na Oficina de Francisco Mendes Lima, 1761, em 8 de 246 páginas. F. Bernardo Lima começou a sua sinopse afirmando que “A Natureza do homem sendo mais inclinada para a maldade, que para a virtude [...], quando para ella, he que nascemos, como diz **Seneca** [...], tem a **educação** muitas vezes o poder de vencer aquelles perversos intentos, que nos inspira a natureza inculta, e de fazer útil cidadão aquelle que infelizmente abandonado a ella seria hum nocivo monstro.”<sup>36</sup> Esta obra, “já foi impressa em Lisboa em 1734 e por se ter feito rara, appareceu agora reimpressa no Porto”<sup>37</sup> – informa-nos F. Bernardo Lima. Podemos também saber os assuntos que um nobre setecentista devia aprender, quer tivesse aulas no seu domicílio ou num Colégio: “Na Physica quer o Autor se dê aos meninos huma notícia dos systemas mais célebres, como o de **Descartes**, de **Newton**, &c. e que aprendessem que qualquer causa tem de ser provada primeiro para ser verdadeira, certa, e demonstrada”. O nosso Autor não se esquece de apontar os exercícios necessários ao corpo: “Taes são a Arte Gimnastica, e alem do Exercício da Espada, a Dança, a Caça, e ainda Agricultura, occupação tão innocente, como honrosa.”<sup>38</sup>

A outra obra portuguesa escolhida foi: *Ephemerides dos Sucessos Portuguezes desde o Terramoto de Lisboa até a expulsaõ dos Jesuítas, sendo Autor e testemunha* António de Figueiredo. Lisboa, na Oficina Real de Silva 1761. “Espécie de Cronologia, que principia no memorável dia do primeiro de Novembro de 1755, e continua não até a expulsaõ dos jesuítas, como promete no titulo, mas até o dia terceiro de Setembro de 1760, que he justamente hum anno, depois que os Jesuítas foraõ declarados proscriptos da Pátria, e expulsos do Reyno.” Está provado que F. Bernardo Lima repunha a verdade dos factos, além de lembrar que se fará História desta época sobre “o intrépido animo de hum Rei benéfico, e com a **actividade de hum Ministro de cujas acçoens há que falar a mais remota posteridade**.”<sup>39</sup> Não há dúvida de que esse Ministro é o Marquês de Pombal e que anteviu, qual profeta, a importância histórica desta personalidade política mas, o que quis dizer F. Bernardo Lima, apenas se pode supor, porque ele não o especificou.

---

do Peloponeso, na Grécia antiga, tida como ideal de inspiração poética. Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arcadismo>.

<sup>35</sup> Cf. *Gazeta Literária*, Porto, Num. 9, do Volume I, Agosto de 1761, p. 135.

<sup>36</sup> *Op. cit.*, Num. 13, do Volume I, Setembro de 1761, [p. 195].

<sup>37</sup> *Op. cit.*, Num. 13, do Volume I, Setembro de 1761, p. 196.

<sup>38</sup> *Op. cit.*, Num. 13, do Volume I, Setembro de 1761, p. 201.

<sup>39</sup> *Op. cit.*, Num. 13, do Volume I, Setembro de 1761, pp. 202-203.

Terminamos com uma referência ao número 17, sobre a DINAMARCA, mas que começava com: *História natural da Noruega*. Por Erich Pontopidan, Bispo de Bergen na Noruega, e Membro da Academia das Ciências de Copenhague. Escrita na língua Dinamarquesa, e novamente traduzida na Franceza. 1760. Os assuntos versados nesta obra, dividida em duas partes, são a sua Geografia e clima e, a sua Fauna.<sup>40</sup> A segunda obra do número 17 é *Memórias da Sociedade das Ciências de Copenhague*, tom. VI e VII. Copenhague, na Impressão dos Orfaãos em quarto, 1758.<sup>41</sup> Este resumo é composto por uma pequena introdução sobre a sociedade mencionada e, a referência de vários assuntos estudados pela Academia mencionada, numerados de 1 a 12. Este número termina com a “Emenda de algumas faltas”<sup>42</sup>, finalizando assim o seu Tomo I.

Por fim, gostaríamos de referir que, apesar de nunca ser mencionado, é provável que houvesse troca de correspondência e de obras entre as várias Academias europeias e o redactor da *Gazeta Literária*, o que também contribuiu para a sua enorme importância no Portugal setecentista. Talvez inesperada para o seu autor, F. Bernardo Lima, pois, sozinho, fundou e produziu um periódico original e o primeiro no seu género, sobre o qual os estudiosos literários da Imprensa Portuguesa nunca estiveram de acordo, até à data actual, sobre se deve ser considerado um jornal ou uma revista literária.<sup>43</sup>

M. Helena Roldão

Lisboa, 20 de Julho de 2011.

---

<sup>40</sup> Cf. *Gazeta Literária*, Lisboa, Num. 17, do Volume I, Outubro de 1761, [p. 259].

<sup>41</sup> *Op. cit.*, Num. 17, do Volume I, Outubro de 1761, p. 270.

<sup>42</sup> *Op. cit.*, Num. 17, do Volume I, Outubro de 1761, pp. 273-274.

<sup>43</sup> Nota extra: esta ficha histórica apenas focou o período entre o nº 1 (Julho de 1761) e o nº 17 (Outubro 1761), de 274 páginas numeradas, colecção incompleta, existente na HML.